

Uma proposta metodológica de análise de usos das redes sociais para o desenvolvimento local

Una propuesta metodológica de análisis de redes sociales utilizada para el desarrollo local

A Methodological Proposal Analysis of Social Networks Uses for Local Development

María Salett Tauk Santos

**Programa de Posgrado en Extensión Rural y Desarrollo Local; Programa de Posgrado en Consumo y Desarrollo Social. Universidad Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Brasil
mstauk@hotmail.com**

Claudia Alejandra Kenbel

**Centro de Investigaciones en Comunicación. Facultad de Ciencias Humanas. Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) Universidad Nacional de Río Cuarto. Argentina
claudiakenbel@yahoo.com.ar**

Fecha de recepción: 30 de septiembre de 2016

Fecha de recepción evaluador: 23 de octubre de 2016

Fecha de recepción corrección: 1 de noviembre de 2016

Resumo

O trabalho apresenta uma proposta metodológica de análise de redes para o desenvolvimento local. A originalidade do estudo é construir um modelo de análise relacional de redes contemplando as culturas populares.

Palavras-chave: Redes Sociais; Desenvolvimento Local; Análise Relacional; Culturas Populares; Comunicação; Metodologia.

Resumen

El trabajo presenta una metodología de análisis de redes para el desarrollo local. La originalidad de la propuesta es construir un modelo de análisis relacional de redes, contemplando a las culturas populares.

Palabras clave: Redes sociales; Desarrollo local; Análisis relacional; Culturas populares; Comunicación; Metodología.

Abstract

This work presents a methodology for the analysis of networks to local development. The originality of the proposal is the construction of a methodology for relational network analysis, taking the popular cultures.

Keywords: Networks; Local Development; Relational Analysis; Popular Cultures; Communication; Methodology.

Introdução

Os avanços tecnológicos e do funcionamento dos mercados financeiros impulsionaram o engendramento de uma sociedade em rede. O tema de rede ganhou relevância na comunidade científica a partir dos anos de 1970 quando começa a se desenvolver um campo de estudo chamado de “social network analysis”. A análise de redes parte da compreensão de que a vida dos indivíduos depende da maneira como se acham ligados a um conjunto de conexões sociais dentro de uma dada estrutura (Scherer-Warren, 2007).

A autora classifica as redes sociais em duas instancias: as primárias, interindividuais ou coletivas, cujas características consistem em serem presenciais, atuarem em espaços contíguos e manterem relação com um território delimitado; e as redes virtuais, oriundas do ciberativismo que se caracterizam por serem intencionais, extrapolarem as fronteiras espaciais das redes presenciais “criando territórios virtuais cujas configurações se definem pelas adesões por uma causa ou por afinidades políticas, culturais e ideológicas” (Scherer-Warren, 2007, p. 39). Entretanto os dois tipos de redes, como assinala a autora, podem ter impacto e se influenciarem mutuamente, numa dialética permanente entre o local e o global, entre o presencial e o virtual.

Abordagens das redes sociais

Ao longo do tempo o sentido de rede se distancia dos seus referentes antigos e assume uma abrangência que permite ser apropriado pelas mais diferentes áreas do conhecimento e das ações humanas. A noção de rede como forma de pensar e organizar o mundo vem se tornando cada vez mais hegemônica ao ponto de ser considerada senão um novo paradigma em gestação, ao menos uma construção de uma nova “racionalidade reticular” (Parrochia, 2014, p. 45).

As razões da popularidade que assumiu o conceito de rede explicam Silvia Portugal baseada em (Lemieux, 2000), deve-se a duas razões fundamentais: o desenvolvimento dos meios de comunicação, que possibilitam conexões onde antes imperava o isolamento; e a valorização das relações entre as pessoas e as coisas (Portugal, 2014, p. 45).

Os estudos das redes sociais, que nasceram no âmbito das pesquisas nos campos da sociologia, antropologia e psicologia social, a partir dos anos de 1990 essas abordagens se espalham para outros campos científicos como o da engenharia, da medicina, da matemática, entre outras, em defesa de uma “nova ciência das redes”, a partir de uma visão de mundo no qual tudo acha-se conectado (Portugal, 2014, p. 46). Nas ciências sociais, campo que nos interessa, a abordagem com maior poder explicativo do fenômeno das relações sociais em rede é a da análise relacional. Na perspectiva dos estudos culturais e da sociologia da cultura encontramos antecedentes que remontam a Antônio Gramsci e seu marco analítico da dinâmica histórica. A esse respeito Hall, interpretando Gramsci, explica que a análise é um assunto “relacional”, quer dizer “uma questão que deve ser resolvida relacionalmente, utilizando a ideia de balanço inconstante ou de processo contínuo de formação e superação do equilíbrio inconstante” (Hall, 1996, p. 18). Pois o fundamental são as relações de força favoráveis ou desfavoráveis a esta ou àquela tendência.

Nessa mesma direção, e a partir do campo da história, Perry Anderson analisa a relação entre estrutura e sujeito e conclui sobre a necessidade de estabelecer uma “teoria das relações historicamente determinadas e setorialmente diferenciadas que só pode ser desenvolvida numa relação dialética de interdependência” (Anderson, 1988, p. 65).

Em um trabalho empírico, Claudia Kenbel utiliza esta estratégia metodológica para analisar a maneira como se dá a disputa pela legitimidade da ordem social urbana moderna, através da cultura. Neste caso a análise volta-se “ao modo como se configura essa ordem na medida em que permite reconhecer os elementos que legitimam as concepções e a maneira como estão relacionadas a práticas concretas em períodos historicamente determinados” (Kenbel, 2013, p. 96).

A partir dessa compreensão, portanto, as categorias em que se classificam os indivíduos são reflexos das relações que os unem entre si. Como assinala Degenne e Forsé, “essas categorias não podem ser dadas a priori e definitivamente, mas antes emergir da análise das relações entre os elementos que compõem a estrutura” (Degenne e Forsé, 2014, p.50). O ponto de partida da pesquisa, como resume Portugal, não deve ser um conjunto de unidades independentes, mas antes as relações que as interligam. Dessa maneira não é possível compreender a estrutura ignorando as relações que se estabelecem entre os diversos elementos que a compõem. A análise das redes deve buscar, como acrescenta Portugal, “as regularidades, grupos, categorizações, de modo indutivo, através da análise do conjunto de relações” (Portugal, 2014, p.50). A vantagem do método de análise relacional é que ele favorece o estudo do modo como os indivíduos acham-se condicionados pelo contexto social que os envolve; e o modo como esses indivíduos usam e modificam tais contextos de acordo com os seus interesses (Wellman, 2014).

Assim a análise das redes possibilita focar o estudo no comportamento individual, seja de pessoas ou instituições, sem perder de vista a sua inserção nas estruturas sociais. Como ressalta Marsden e Lin a “network analysis oferece novas abordagens para o estudo da estrutura social e para lidar com o problema complexo de integrar diferentes níveis de análise: o modo como a ação individual cria a estrutura social, uma vez criada, constrange a ação individual e coletiva; o modo como as atitudes e comportamentos dos atores são determinados pelo contexto social, em que a ação ocorre” (Marsden e Lin, 2014, p. 51).

Redes Sociais e Desenvolvimento Local

A partir desses aportes teóricos, qual seria a contribuição da teoria das redes para os estudos da comunicação para o desenvolvimento local? O ponto de partida para análise da convergência entre a “*network analysis*” e a teoria da comunicação para o desenvolvimento é conceitual.

O conceito de rede social permite estudar a forma como os indivíduos mobilizam as relações sociais no sentido de satisfazer às suas necessidades de bem-estar (Portugal, 2014). Esta compreensão é convergente com o sentido do desenvolvimento local entendido como “o processo de construção de oportunidades e de melhores condições de vida para populações locais, mobilizando capacidades e energias endógenas” (Araújo, 1997).

Para Augusto de Franco, o desenvolvimento local integrado e sustentável “possibilita o surgimento de comunidades mais sustentáveis, capazes de suprir suas necessidades imediatas, descobrir ou despertar suas vocações locais e desenvolver suas

potencialidades específicas, além de fomentar o intercâmbio externo, aproveitando-se de suas vantagens locais” (Franco 1998, p. 9).

O desenvolvimento local pressupõe a melhoria da qualidade de vida das pessoas; a participação da população envolvida; o desenvolvimento de ações em rede para promover a concertação dos diferentes atores; a mobilização das comunidades locais para o empoderamento incluindo questões de gênero, ambiental, étnica, articulação do trabalho de parcerias das organizações governamentais, não governamentais e comunidades locais; capacitação das populações para a organização e produção econômica; articulação das associações, conselhos municipais e organizações públicas e privadas nos âmbitos municipal, regional, estadual, nacional (Tauk Santos e Lima, 2006).

O desenvolvimento local é, “o resultado de múltiplas ações convergentes e complementares, capaz de quebrar a dependência e a inércia do subdesenvolvimento e do atraso em localidades periféricas e de promover uma mudança social no território” (Buarque, 2002, p. 26). Ora, se o desenvolvimento é o resultado de múltiplas ações, precisa da convergência de múltiplos atores sociais. Para isso uma análise com foco nas redes e no modo como a comunicação articula interesses, visões de mundo e a própria noção de desenvolvimento, aparece como pertinente e oportuna resposta tanto para a ação no território, quanto para atender ao objetivo da pesquisa. À pergunta de como se estuda o desenvolvimento, a perspectiva de redes constitui um aporte em linha com a convergência desejada.

A partir desses pressupostos que demonstram a convergência e a pertinência da análise de redes para estudos sobre o desenvolvimento, qual seria o papel da comunicação nesse processo onde acham-se incluídas as culturas populares?

Comunicação para o desenvolvimento e culturas populares

A comunicação para o desenvolvimento constitui um processo de produção de sentido voltado a construir mudança social, especialmente no que diz respeito às culturas populares. Nessa perspectiva, “compreender os sentidos do popular contemporâneo implica abandonar conceitos que consideram as culturas populares como essência pura” (Tauk Santos, 2009, p.121). No sentido que trabalha Cirese, de que, “a popularidade deve ser estabelecida como fato e não como essência, como posição relacional e não substancia” (Cirese, 1988, p. 41).

A compreensão do caráter relacional das culturas populares está na própria maneira de estar no mundo. Para Canclini, as culturas populares existem “porque a reprodução desigual da sociedade gera uma apropriação desigual dos bens econômicos e culturais por parte de diferentes classes e grupos na produção e no consumo. E uma interação conflitiva com as classes hegemônicas pela apropriação dos bens” (Canclini,

1988, p. 49). Deste modo, partindo do popular, chegamos “à compreensão da desigualdade e da subalternidade a que o popular se acha submetido em uma sociedade de classes, assim como à abordagem do caráter conflitivo das culturas populares” (Tauf Santos, 2009, p. 118).

Entretanto, as mudanças socioculturais decorrentes do processo de globalização, mudaram a forma de pensar as culturas populares. “No lugar de pensa-las de forma relacional à cultura hegemônica, mediatizada pela noção de classe, passa-se a uma abordagem considerando-as em processo de hibridização com a cultura massiva e as suas relações com o consumo” (Tauf Santos, 2009, p. 118). É o próprio Canclini quem chama atenção para esta mudança quando afirma que “O problema que enfrentam as sociedades contemporâneas é mais de explosão e dispersão das referências culturais que de homogeneização” (Canclini, 2004, p. 23).

A partir desses pressupostos e considerando um processo de comunicação para o desenvolvimento local envolvendo as culturas populares, deve ser levado em conta algumas considerações: a) a existência das culturas populares como produto da reprodução desigual da sociedade (Canclini, 1988, p. 49); b) A compreensão de que “a principal característica das culturas populares é a contingência dessas culturas, ou seja, o acesso aos bens materiais e imateriais se dá de forma incompleta, desigual e desnivelada” (Tauf Santos, 2009, p. 121); c) a ideia de que as culturas populares contemporâneas vivem um processo permanente de hibridização com a cultura massiva; d) A importância de incluir o que culturalmente as culturas populares produzem, mas também o que consomem, não como “algo limitado ao que se relaciona com o seu passado, mas também e principalmente ligado à modernidade, à mestiçagem e à complexidade do urbano” (Martín-Barbero, 1987, p.56).

Nessa direção, a construção da mudança na perspectiva do desenvolvimento constitui o cerne da comunicação para o desenvolvimento, aí incluídos a extensão rural e a comunicação rural (Tauf Santos, 2010, p. 302). Compreender o significado da comunicação para o desenvolvimento, como afirma Tauf Santos, implica em cotejar os sentidos que a mudança incorporou, particularmente nas três fases historicamente construídas, ao longo da sua trajetória. A da mudança induzida; a da mudança construída; e a da gestão da mudança para o desenvolvimento local (Tauf Santos, 2010).

De forma resumida vejamos o papel da comunicação em cada uma das três fases. A primeira fase corresponde ao modelo difusionista modernizador. Nesse modelo a comunicação para o desenvolvimento assume o papel fundamental de difundir as informações modernizadoras e viabilizar uma doutrina voltada a persuadir as populações rurais a aceitarem a propaganda dessas ideias. A corrente teórica que norteia

o difusionismo baseia-se nos teóricos da comunicação David Lerner (1958), Everett Rogers (1952), David Berlo (1960), Wilbur Schramm (1964), entre outros.

A segunda fase, da mudança construída, surge a partir da crítica de Paulo Freire ao modelo difusionista modernizador, em seu livro *Extensão ou Comunicação?* (Freire, 1971). Ao contrário da teoria difusionista que considera a população de contexto popular, envolvida no processo de desenvolvimento, como objeto da mudança, na teoria freireana essa população passa à condição de ator protagonista, empenhado na transformação da realidade (Tauk Santos, 2010). A proposta freireana se consolida na comunicação para o desenvolvimento, particularmente, pelos estudos de Juan Diaz Bordenave (1988) e João Bosco Pinto (1996).

O compromisso político da Comunicação para o Desenvolvimento com as culturas populares se fortalece a partir dos anos de 1980, tempo em que adere à teoria dos Estudos Culturais latino-americanos, via aportes de Jesus Martín-Barbero (1987) e Néstor García Canclini (1988) incorporando a perspectiva dos estudos de recepção voltada às análises dos usos e apropriações e do consumo das propostas de desenvolvimento das organizações governamentais, não governamentais e da mídia em contextos populares.

O processo acelerado da globalização, a crise operada pela tecnologia combinada às mudanças socioeconômicas, culturais e ambientais, a partir dos anos de 1990 produziram transformações sem precedente nos contextos rurais em desenvolvimento. Entre essas transformações observa-se a tendência a uma homogeneização nas formas das populações rurais darem sentido às suas vidas, como resultado da influência da cultura massiva; e a necessidade urgente de construir a sustentabilidade (Tauk Santos, 2008).

Neste cenário a comunicação para o desenvolvimento entra em sua terceira fase, assumindo a perspectiva da construção e gestão do desenvolvimento local voltado a “um esforço de mobilização de pequenos grupos no município, na comunidade, no bairro, na rua, a fim de resolver problemas imediatos ligados às questões de sobrevivência econômica, de democratização das decisões, de promoção de justiça social” (Tauk Santos & Callou, 1995, p.45). Estas ações no âmbito local não devem, entretanto, como assinalam os autores, perder de vista a perspectiva do global sem caracterizar um processo de subordinação.

Nessa perspectiva, a comunicação para o desenvolvimento local, na terceira fase, assume o sentido de planejar e executar localmente políticas voltadas à: encorajar a solução de problemas do autodesenvolvimento econômico e social das comunidades de agricultores familiares, pescadores artesanais, quilombolas, povos das florestas e indígenas; articular ações ambientais, econômicas e sociais com vistas ao desenvolvimento sustentável; promover o empoderamento das associações populares,

fortaleciendo as lideranças e os conselhos municipais na defesa de temas prioritários de interesse dessas populações; estimular a criação, no plano organizacional, de associações comunitárias e cooperativas, particularmente as de trabalho e de habitação; viabilizar a participação das mulheres e dos jovens na produção econômica e cultural da comunidade; articular a concertação entre organizações governamentais, não governamentais e população local; estimular a articulação e participação dos diferentes atores de redes sociais materiais e virtuais; e viabilizar ações permanentes de educação, capacitação e assistência técnica para a população envolvida no desenvolvimento local (Tauk Santos, 2010, pp. 304-305).

Tecendo redes para o desenvolvimento local

Os pressupostos teóricos sobre a provável relação de causalidade existente entre redes sociais e o desenvolvimento local constituíram o ponto de partida do projeto de pesquisa *Tecendo Redes de Comunicação para Desenvolvimento local no Sertão do Pajeú*. O objetivo mais amplo do projeto é analisar as redes de comunicação como estratégias de construção do desenvolvimento local na Região do Sertão do Pajeú, em Pernambuco. Trata-se de um projeto a ser desenvolvido com alunos do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, no âmbito da disciplina Comunicação e Culturas Populares.

Considerando a comunicação para o desenvolvimento enquanto práticas sociais, procuramos formular objetivos específicos articulando as ações de comunicação às redes para o desenvolvimento local. Assim foram contemplados o cotidiano dos indivíduos envolvidos no processo de construção do desenvolvimento local, as populações dos contextos populares; o cotidiano das organizações governamentais e não governamentais envolvidas no processo; as dinâmicas das redes sociais; e os contextos de atuação do desenvolvimento local. Esses objetivos foram formulados a partir da experiência em estudos empíricos desenvolvidos pelas autoras no campo da análise relacional (Kenbel, 2013); no campo da teoria da comunicação para o desenvolvimento local (Tauk Santos, 2010) e nas abordagens das estratégias de comunicação para o desenvolvimento local (Callou & Tauk Santos, 2014).

No caso específico da presente pesquisa, a análise relacional implica num processo concomitante de reconhecimento dos elementos denominados “estruturais” que formam o cenário do desenvolvimento local - indivíduos e organizações - assim como das dinâmicas e trajetórias seguidas por esses indivíduos e organizações em conjunturas políticas históricas determinadas. Tais dinâmicas representadas aqui pelos objetivos voltados às dinâmicas sociais, assim como pelos que se referem aos contextos de atuação dos projetos de desenvolvimento local. Assim os elementos identificados na primeira instância -indivíduos e organizações- não constituem categorias *a priori*, nem

assumem posturas essencialistas. É o contexto de atuação e as dinâmicas sociais que ordenam e organizam a leitura de conjunto que se obtém como resultado.

Objetivos voltados ao cotidiano dos indivíduos envolvidos no desenvolvimento local

-Identificar as mediações de procedência, de formação, de pertencimento a classes sociais, culturais e territoriais das populações envolvidas nos processos de desenvolvimento local;

-Analisar as dinâmicas laborais, formas de associativismo e participação política das populações dos contextos populares envolvidos em projetos de desenvolvimento local.

-Analisar o consumo cultural, as linguagens, usos dos espaços, momentos de encontro e formas de comunicação construídos cotidianamente pela população;

-Identificar lideranças comunitárias envolvidas na gestão dos processos de desenvolvimento local no território em estudo, cotejando os sentidos que atribuem ao desenvolvimento e aos usos das redes sociais.

-Explorar o sentido atribuído ao desenvolvimento local por meio da história oral e das práticas cotidianas das populações.

-Explorar as percepções que os indivíduos têm acerca das organizações que desenvolvem projetos e ações diversas na comunidade.

Objetivos voltados às Organizações envolvidas no desenvolvimento local:

-Mapear as organizações formais, governamentais e não governamentais que desenvolvem ações de desenvolvimento local nos territórios;

-Agrupar as organizações a partir de critérios tais como: áreas de interesse, populações com as quais trabalham, linhas estratégicas de ação no território.

-Indagar acerca das possibilidades concretas que tem as organizações para viabilizar, colocar na agenda e/ ou participar da formulação de políticas públicas nos territórios em estudo.

- Explorar as percepções que a organização tem das populações e dos territórios onde desenvolvem projetos e ações diversas.

- Mapear/descrever as estratégias de comunicação: níveis (interpessoal, grupal, massivo, redes); fluxos (ascendente, descendente, lateral); redes (formal e informal

meios, presenciais e/ou virtuais); e mensagens utilizadas pelas organizações para se comunicarem com as outras organizações, governamentais e não governamentais, envolvidas no esforço de construção do desenvolvimento local e com as mídias.

-Identificar as estratégias de comunicação utilizadas por essas organizações para se comunicar com as populações de contextos populares envolvidas nos projetos de desenvolvimento local.

Objetivos voltados às dinâmicas das redes no desenvolvimento local:

-Identificar a existência de redes sociais, presenciais e virtuais, “tecidas” pelas organizações governamentais e não governamentais, com ênfase em suas dinâmicas;

-Analisar o fator motivacional e as dinâmicas que contribuíram para desencadear a construção da rede envolvendo os diferentes atores que participam do processo de desenvolvimento local.

-Analisar, no âmbito das redes presenciais e/ou virtuais, as estratégias de comunicação utilizadas por essas organizações para se comunicar com outras organizações e com as populações de contextos populares envolvidas nos projetos de desenvolvimento local;

-Analisar os usos e apropriações das mídias e redes sociais pelos atores de contextos populares envolvidos no processo de construção do desenvolvimento local.

- Identificar no âmbito das organizações as modalidades de articulação em rede; as capacidades para atuar em rede; os atores reconhecidos como partes da rede; e os valores comuns que orientam as ações dos diferentes atores envolvidos na rede para o desenvolvimento local.

-Construir um modelo de análise de dados com vistas aos processos de comunicação das organizações e suas relações, em rede, com o espaço público, que possibilite identificar as possibilidades e os limites dessas interações para o desenvolvimento local.

Objetivos voltados ao contexto de atuação do desenvolvimento local:

-Explorar o sentido atribuído ao território pelos atores envolvidos nos processos de desenvolvimento local;

-Comprender os processos sociais, históricos, culturais e políticos das comunidades através da reconstrução da sua história coletiva;

-Avançar na análise de dados que incorporam e recuperam o contexto como elemento chave para compreender a leitura que as culturas populares fazem das ações do desenvolvimento local;

-Identificar os fatores históricos e políticos que constituem situações de conflito envolvendo organizações e população no processo de desenvolvimento local, assim como quais os atores intervenientes no conflito e como se comportam essas populações em relação às propostas de solução;

- Pesquisar os temas/ valores a partir dos quais as comunidades de contexto popular constroem consensos com os demais atores envolvidos no desenvolvimento local a partir dos quais alimentam ações que possibilitam dar continuidade a novos processos de articulação.

Considerações Finais

De forma bem preliminar iniciamos um estudo exploratório para teste deste modelo metodológico de análise de redes sociais. Escolhemos o Sertão do Pajeú, em Pernambuco como cenário da pesquisa por se tratar de uma região onde é abundante a presença de organizações não governamentais operando políticas governamentais de desenvolvimento local, via chamada pública. Lá encontramos um verdadeiro manancial de redes tecidas pelas organizações Casa da Mulher do Nordeste, Diaconia, Centro Sabiá, ASA, IPA entre outras.

É cedo para arriscar alguma conclusão sobre os resultados daquele trabalho no desenvolvimento local daquela região. Entretanto ficamos impressionados com a capacidade daquelas organizações em envolver homens e mulheres agricultores familiares, transformando-os em atores no esforço de atar laços e nós da rede que constrói o desenvolvimento local.

Referências

- Araújo, T. B. (1997). Desenvolvimento local: possibilidades e limites. Recife.
- Berlo, D. (1960). O processo da comunicação. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura,
- Bordenave, J. D. (1988). O que é comunicação rural? São Paulo: Brasiliense.
- Buarque, S.C. (2002). Construindo o desenvolvimento local sustentável. Rio de Janeiro: Garamond.

- Callou, A. B. F.; Tauk Santos, M. S. (2014). Estratégias governamentais de comunicação para o associativismo e desenvolvimento local. In: Callou, A. B. F.; Tauk Santos, M. S. Extensão rural- extensão pesqueira: estratégias de comunicação para o desenvolvimento. Recife: FASA, pp. 409 - 421.
- Canclini, N.; Roncagliolo, R. (1988). Cultura transnacional y culturas populares. Lima: IPAL
- Canclini, N. (2004). Diferentes, desiguales y desconectados. Mapas da interculturalidad. Barcelona: Gedisa editorial.
- Cirese, A. M. (1979). Ensayos sobre as culturas subalternas. México: CISINAH
- Degenne, A.; Forsé, M. (1994). Les réseaux sociaux. Paris: Armand Colin, 1994.
- Franco, A. D. (1998). Desenvolvimento local integrado e sustentável Dez consensos. In: Revista Proposta n° 78 Set/Nov de 1998, p.9.
- Hall, S. (1996). La importância de Gramsci para el estudio de la raza y la etnia. In: Critical Dialogue. Tradução Silvina Berti. Rio Cuarto: UNRC.
- Kenbel, C. (2013). Circuitos culturales y tensiones de sentido: La urbanidade según las memorias sociales em la ciudad de Rio Cuarto, Tese (Doutorado em Comunicação) Faculdade de Ciência Política e Relações Internacionais, Universidade de Rosário, Argentina.
- Kenbel, C. (2014). Hitos conflictantes e tensões de sentido: uma proposta de abordagem comunicacional para o problema da ordem social. Anais do XII Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación. Lima, Perú. Disponible em: <http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/>,
- Lemieux, V. (2000). À quoi sert les réseaux sociaux? Québec: Les Éditions de L'IQRC.
- Lerner, D. (1958). The passing of traditional society – modernizing the Middle East. Glencoe, Illinois: The Free Press.
- Marsden, P. V.; Lin, N. Introduction. In: Marsden, P. V.; Lin, N. (eds.) (1985). Social Structure and Network Analyses. Beverly Hills: Sage.
- Martin - Barbero, J. (1987). De los médios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía. Barcelona: Editorial G.Gili, S. A.
- Parrochia, D. (dir.) (2001). Penser les reseaux. Seyssel: Éditions Champ Vallon, 2001.

- Pinto, J. B. (1996). La comunicación participativa como pedagogía del cambio: fundamentos epistemológicos. In: *Cadernos de Comunicação ABEPEC*, ano 2, nº 1. São Paulo: NTC, pp. 7-17.
- Portugal, S. (2014). *Famílias e redes sociais: Ligações fortes na produção de bem-estar*. Coimbra, PT: Edições Almedina S/A.
- Rogers, E. (1962). *The diffusion of innovations*. Glencoe, Illinois: The Free Press.
- Schramm, W. (1964). *Mass media and national development: The role of information in developing countries*. Urbana, Champagne: University of Illinois Press.
- Sherer-Warren, L. (2007). Redes sociais: trajetórias e fronteiras. In: Dias, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. (Org.). *Redes sociais e territórios*. 2.ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, pp. 29-50.
- Tauk Santos, M. S. (2010). *Comunicação Rural*. In: Melo, J. M. de. (Org.) *Enciclopédia Intercom de Comunicação*. 1ª ed. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação v.1, pp. 302-304.
- Tauk Santos, M. S. (2008). *Pedagogia da sustentabilidade: comunicação e ecologia no ensino da extensão rural*. In: Melo, J. M. de (org.) *Mídia, ecologia e sociedade*. São Paulo: Intercom, pp. 291-307.
- Tauk Santos, M. S.; Lima, C. D. (2006). *Desafios cooperativos e estratégias de comunicação das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares*. *Revista Unircoop*, v. 4, n. 1, pp. 128-147.
- Tauk Santos, M. S.; Callou, A. B. F. (1995). *Desafios da comunicação rural em tempos de desenvolvimento local*. *Signo - Revista de Comunicação Integrada*. Universidade Federal da Paraíba, ano II, n.3, pp. 42-47.
- Tauk Santos, M. S. (2009). *Receptores imaginados: os sentidos do popular*. *Revista Signos do Consumo*, n.1 São Paulo: ECA/USP, pp. 115-127.
- Wellman, B. (1985). *Studying personal communities*. In: Marsden, P. V.; Lin, N. (eds.) *Social Structure and network analyses*. Beverly Hills: Sage, pp.61-103.